

ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

JOSÉ MARINHO, UM FILÓSOFO INTEGRAL, UM FILÓSOFO DO ESPÍRITO E DA TERRA

Renato Epifânio

(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

1 - Introdução

Quando, em 1996, nos inscrevemos no Curso de Mestrado de Filosofia em Portugal na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tivemos que responder às perguntas de um júri presidido pelo Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves. Ele próprio, tendo eu antecipado o meu propósito de estudar o pensamento de José Marinho, perguntou-me como é que eu caracterizava José Marinho enquanto filósofo. A resposta foi súbita mas ainda hoje a mantenho: “como um filósofo integral”.

Lembro-me do Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves me ter replicado, naquele seu tão peculiar tom provocatório, que “integral era uma palavra perigosa”. A essa réplica, ou provocação, respondi que José Marinho era “um filósofo integral mas não um filósofo integralista”. Eis a resposta que procuraremos aqui concretizar. Sobretudo porque, tendo nós dedicado grande parte destes anos ao estudo do pensamento de José Marinho, é essa ainda, cada vez mais, a resposta que daríamos se tivéssemos que responder à mesma pergunta que nos foi então colocada: José Marinho foi, sobretudo, um “filósofo integral”.

Para tal, procuraremos aqui fazer uma breve retrospectiva das principais obras, publicadas ainda em vida ou já postumamente, de José Marinho. Como veremos ao longo dessa retrospectiva, cumpriu-se o pensamento marinhiano à luz de dois pólos em geral tidos como antitéticos: o do “espírito” e o da “terra”. À luz do primeiro, desenvolveu um pensamento aparentemente “insituado no espaço e no tempo” que teve na *Teoria do Ser e da Verdade* a sua expressão máxima, ainda que não última. À luz do segundo, desenvolveu o conceito de “filosofia situada”.

Expressão máxima, e última, desse outro desenvolvimento foi a sua obra, publicada já postumamente, *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, obra em que, como veremos, José Marinho definitivamente assumiu não apenas a “responsabilidade do espírito”, ou da “união cumulativa” – conforme se pode ler na *Teoria*, a “responsabilidade

crucial, a mais séria, a mais grave, responsabilidade decisiva no humano existir, de ligar o que se separou, de mais profundamente unir o que se cindiu, de tornar e fazer tornar o ser na cisão ao uno de todo o unívoco, à verdade no espírito e segundo o espírito” (Marinho, 1961, p. 137) –, como, cumulativamente ainda, “a responsabilidade séria e grave de filosofar na própria terra” (Marinho, 1981, p. 116).

2 - Os Aforismos sobre o que mais importa enquanto gênese filosófica de José Marinho

Redigidos inicialmente entre 1924 e 1932, assinalam os *Aforismos sobre o que mais importa* a gênese filosófica de José Marinho. Apesar de estruturados de forma triádica e dialéctica – nas palavras do próprio Marinho, a estrutura corresponde a três fases: “supondo, na primeira, a harmonia turva e implícita, na segunda a contradição e a explícita, e na terceira a harmonia plena reconquistada” (Marinho, 1994, p. 360) –, a visão filosófica que ao longo deles emerge é, contudo, bem menos acabada, bem mais aberta, do que pretendeu o autor ao ter adoptado essa estrutura.

Com efeito, ao lermos esses *Aforismos*, verificamos que, ao longo de quase todos eles, pulsa um mesmo ímpeto, um mesmo impulso: o impulso interrogativo pelo ser e pela verdade, gênese, aliás, de todo o discurso filosófico. Simplesmente, porque genesiáco, esse impulso não antecipa já uma visão resolutiva, uma visão dialéctica. É, dir-se-ia, um impulso ainda demasiado “selvagem” para poder ser “civilizado”. Daí que, de facto, essa “estrutura”, essa “ordem”, lhes seja, em grande medida, senão por inteiro, extrínseca. Foi José Marinho que, procurando “domesticar” a sua própria gênese filosófica, “ordenou” os seus *Aforismos* dessa forma, como que procurando dar-lhes o acabamento, a conclusão, que eles, em si próprios, não só não têm como rejeitam.

A forma aforística é, aliás, por si só, expressão disso mesmo. Se os *Aforismos sobre o que mais importa* tivessem emergido já numa lógica dialéctica, eles emergiriam não ainda enquanto um conjunto de aforismos, mas já enquanto obra discursivamente sistemática que, não obstante a ulterior “ordenação”, a obra *Aforismos sobre o que mais importa* ainda não é. Estará aí, porventura, a razão maior para o facto de José Marinho nunca ter chegado a publicar este seu conjunto de aforismos: não só, desde logo, em 1932, na Imprensa da Universidade de Coimbra, a convite expresso de Joaquim de Carvalho, como em outros momentos em que teve oportunidade para isso.

Num dos “textos para o prólogo” que redigiu já nos anos cinquenta, ainda para uma eventual publicação dos *Aforismos*, confirma-nos, José Marinho,

isso mesmo, ainda que de forma indirecta. Assim, assegurou-nos que os *Aforismos* foram o resultado da vontade de “escrever uma obra definitiva de filosofia em que resolvesse todos os problemas”: “Comecei então a tomar notas para ela e nasceram assim os cadernos de que extraí passados oito anos os *Aforismos sobre o que mais importa*.” (Marinho, 1994, p. 119). Ora, essa “obra definitiva de filosofia em que [ele, Marinho] resolvesse todos os problemas” não poderia nunca ser os *Aforismos*, por mais que Marinho os “ordenasse”. Enquanto obra aforística, ela, por si só, impossibilitava esse desiderato. Ele irá, porém, concretizar-se: sob o nome, como veremos, de *Teoria do Ser e da Verdade*.

3 - O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra enquanto apologia do seu “Mestre para a vida inteira”

Não tendo chegado a publicar os seus *Aforismos sobre o que mais importa*, a primeira obra publicada por José Marinho foi *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*, vinda à luz em 1945. Como todas as outras obras marinhianas, teve esta igualmente um parto difícil. Tendo começado a trabalhar nela em 1932, só quatro anos depois, após a morte de Leonardo Coimbra, ocorrida em 1936, Marinho se decidiu definitivamente a concretizá-la. Ainda assim, foram precisos mais nove anos até que ela finalmente viesse à luz.

A obra, sem querer ser “apologética”, “mesmo no melhor sentido helénico do termo” (Marinho, 1945, p. 11), procura fazer, contudo, a defesa do valor filosófico da obra do “seu Mestre”. Designamo-lo como o “seu Mestre” porque o próprio Marinho assim o fez, em múltiplas ocasiões. Daí, desde logo, o ter-lhe dedicado os seus *Aforismos sobre o que mais importa*, daí, de forma ainda mais significativa, o ter escrito esta obra, *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*, na qual se assumiu, logo a abrir, como “discípulo de Leonardo Coimbra na Faculdade de Letras do Porto e para a vida inteira”. Foi, aliás, paradoxalmente, por isso, que o próprio Marinho descurou o valor filosófico da obra leonardina.

Como ele próprio escreveu, numa carta a Álvaro Ribeiro:

A mim também o valor de Leonardo como pensador estava, de certo modo, encoberto, pois como sempre, o discípulo sente e vê bem o valor do Mestre enquanto Mestre mas está sempre um tanto cego para o significado e o essencial valor da sua mensagem espiritual. (Marinho, 1989, p. 49).

Como é óbvio, não é essa uma razão para que a elevada estatura de Leonardo Coimbra enquanto Mestre não deva ser realçada, como o foi, desde logo, por José Marinho. Daí, a título de exemplo, o tê-lo caracterizado como um Mestre “no mais nobre sentido da palavra”, “como ninguém em Portugal” (Marinho, 1989, p. 48).

No entanto, como o próprio Marinho advertiu, a elevada estatura de Leonardo Coimbra enquanto Mestre não nos deve levar a não prestar a devida atenção à sua obra filosófica. Se importa, em nome da justiça, reconhecer essa sua elevada estatura enquanto Mestre, importa igualmente reconhecer a sua não menos elevada estatura enquanto autor, escritor filosófico, como o próprio Marinho o fez – daí, desde logo, o dizer-nos que foi com Leonardo que “pela primeira vez se escreveu em Portugal com o propósito de expor uma filosofia original com todo o desenvolvimento” (Marinho, 2001, p. 65), daí ainda o ter defendido que foi ele “o homem que mais larga e mais universalmente, com mais elevação e mais sentido de profundidade, pensou” (Marinho, 2001, p. 72), nessa medida, “o que deixa uma herança mais grandiosa e bela” (Marinho, 2001, p. 36).

4 – O Significado e Valor da Metafísica enquanto projecção da plena revelação do “Enigma do Ser”

Sabemos hoje que Leonardo Coimbra não permaneceu exactamente para José Marinho como um “Mestre para a vida inteira”. Já, aliás, numa das versões para o prefácio dos seus *Aforismos*, havia Marinho assumido algum “afastamento” relativamente a Leonardo (Marinho, 1994, p. 87: “Dedico esta obra ao sr. Dr. Leonardo, meu professor de Psicologia e Lógica na Faculdade de Letras do Porto, de cujo pensamento o meu hoje se afasta sensivelmente.”). Numa carta dirigida a José Régio, escrita no ano de 1947, vai ainda mais longe, chegando mesmo a referir-se a Leonardo como o seu “ex-Mestre” – nas suas palavras:

Agora, mais do que nunca, queria eu saber o que pensou, ou intimamente sentiu, na última fase da conversão, e perante a terrível dor e a morte, o meu mestre, ou ex-meu-Mestre Leonardo. E digo ‘ex’ não por orgulho, mas como mais uma prova de funda estima e comovida gratidão a ti, irmão, que me deu o Destino invisível. Discípulo para a vida, e para a vida da mente, certamente o sou do Espírito que nele ‘fizera sua morada’ (expressão dele próprio), não do homem. Pois quem será discípulo de um homem? Nem de um homem-deus, nem do Deus-homem posso sê-lo. E por isso estou tão longe do cristianismo, pelo menos na sua interpretação habitual. (Marinho, 1989, p. 118).

Desta passagem podemos, aliás, deduzir que o motivo maior para esse “afastamento” foi a “conversão” de Leonardo Coimbra ao cristianismo, como o próprio Marinho nos parece confirmar noutras passagens da sua obra:

Num ponto, porém, o autor se separa, não sem melancolia, do seu mestre e da grande maioria dos homens. Ele não crê no homem e espera pouco do homem e espera mesmo pouco no Deus-Homem. Ele crê e espera em Deus como Espírito. (Marinho, 1998, vol. I, p. 95); O cristianismo não me apareceu assim como a religião da verdade, mas como a religião do amor e da redenção; não como a religião de Deus, mas como a religião do homem. Toda a minha dificuldade na interpretação do meu Mestre Leonardo Coimbra procede disto e assim também se explica a minha difícil inserção no mundo do pensamento português. (Marinho, 1994, p. 365).

Apesar destas palavras, o pensamento marinhiano nunca se oporá, por inteiro, ao pensamento leonardino – e isto apesar dos caminhos divergentes de ambos: da “metafísica para a religião”, no caso de Leonardo, como vimos; da “religião para a metafísica”, no caso de Marinho.

A obra em que esse caminho aparece mais expressamente delineado tem por título *Significado e Valor da Metafísica*. Obra inacabada, em que Marinho trabalhou, pelo menos, entre os anos de 1937 e 1943, ela é, ainda assim, a nosso ver, uma das mais fundamentais obras marinhianas, dado que nela se fixam os dois horizontes contrapolares à luz dos quais é possível reconstituir o desenvolvimento de todo o pensamento marinhiano – a saber: o horizonte do drama da existência e o horizonte do enigma do ser. É, com efeito, na nossa perspectiva, entre esses dois horizontes contrapolares que Marinho traça o seu próprio caminho filosófico – a saber: passar do sentido da angústia, do drama, ao sentido do enigma, ou seja, em suma, passar da Religião à Metafísica. Segundo o próprio José Marinho, esse não pode deixar de ser, aliás, o caminho da Filosofia – daí, a título de exemplo, estas suas palavras:

A filosofia é um acto de conhecimento cuja raiz é o sentido enigmático do ser de que a inquietação é dramática forma.” (Marinho, 1945, p. 22); Nós pensamos que a metafísica deve manter a sua independência e reconquistar, para além do sentido do drama de existir, o sentido do enigma. (Marinho, 1996, p. 174).

5- A Teoria do Ser e da Verdade enquanto esforço de fixação de uma “ontologia do espírito”

Conforme o antecipado, a *Teoria do Ser e da Verdade* constituiu-se como a expressão máxima, ainda que não última, da “filosofia do espírito” mari-

nhiana. O que nela se procura fixar é, como o próprio autor da obra assume na sua introdução à mesma, uma “ontologia do espírito” – expressão que, como refere, “ocorre no último livro de Leonardo Coimbra”, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* –, dada a alegada insuficiência de toda a “ontologia do ser enquanto ser”:

Os caminhos de toda a ontologia do ser enquanto ser, quer ontologia de Deus, quer ontologia do homem, vão a nenhures, à irremediável cisão. Se fosse já agora lícito assim dizer, poderia advertir-se que toda a estática e dinâmica teorese aporta aqui a uma ontologia do espírito”.

Ainda nas palavras do autor da *Teoria*, “o espírito não é, no homem, um ser que se acrescenta ao ser, mas sim a maneira como o ser do homem eminentemente é” (Marinho, 1996, p. 102), o seu “autêntico ser” (Marinho, 1994, p. 248). Nessa medida, a “viagem” que a *Teoria* prefigura cumpre-se na medida em que o homem *se torna* “espírito”. Como? Ainda nas palavras do próprio Marinho, o homem “torna-se espírito ao interrogar-se sobre o enigma que é para si” (Marinho, 1996, p. 382) – “não só [sobre] o enigma que o homem é para si, mas, mais fundamente, [sobre] o enigma que nele é o ser da verdade para si” (Marinho, 1996, p. 396). E isto porque, alegadamente, ao interrogar-se apenas sobre o “enigma que ele enquanto homem é para si”, não atinge ele o “mais fundo enigma”, não atinge ele o “ser do seu próprio ser” (Marinho, 1996, p. 408).

Daí, dir-se-ia, a pulsão interrogativa que percorre toda a *Teoria do Ser a da Verdade*, a pulsão da própria “interrogação fundamental”, por Marinho definida como

a que não pode dar-se por cumprida, a que nunca é feita e recusa todo o facto enquanto tal, a que jamais se cumpriu num passado, ou está segura nalgum presente de último e definitivo responder, a que só aparentemente se cumprindo e anulando em qualquer forma de saber filosófico, teológico ou científico, sempre se restabelece (Marinho, 1961, p. 58).

Em suma: Marinho procurou, na sua *Teoria*, fixar uma “ontologia do espírito”, determinando as diferentes etapas da “história do espírito” enquanto horizonte de constituição de todo o ser enquanto tal, inclusivamente do ser divino. Não cabe aqui fazer essa reconstituição. Apenas salientamos que por mais perfeito que seja o “saber do espírito” revelado na *Teoria*, ele será, ainda e sempre, um saber incompleto, um saber em aberto.

6 – Os Elementos para uma Antropologia Situada enquanto “viragem” para um “pensar situado”

Apesar de ter sido uma “obra de encomenda”, não deixa de ser significativo que a obra que se seguiu à *Teoria*, publicada em 1961, tenha sido os *Elementos para uma Antropologia Situada*, publicada cinco anos depois. Ela marca uma “viragem” no pensamento marinhiano – de uma “ontologia fundamental” para um “pensar situado” –, “viragem” que só não é completa porque a ideia de um “pensar situado” não é de todo nova. Ao invés, ela esteve sempre presente na meditação marinhiana¹.

Ainda que não haja, de todo, uma coincidência entre ambos os percursos, não deixa de haver algum paralelismo entre os percursos do filósofo português José Marinho e do filósofo alemão Martin Heidegger. Com efeito, como é sabido, também após ter procurado fixar uma “ontologia fundamental”, desiderato que procurou concretizar na sua célebre obra *Sein und Zeit*, o pensamento heideggeriano sofreu uma inflexão, uma “viragem”, em prol de um “pensar situado”, um “pensar da terra”, através do qual Heidegger procurou superar os bloqueios intrínsecos à constituição de uma “ontologia fundamental”.

Ainda que a *Teoria do Ser e da Verdade* não seja propriamente o *Sein und Zeit* marinhiano, algo de similar se passou no pensamento de José Marinho. Com efeito, após a *Teoria*, Marinho já nada poderia acrescentar de substantivo – recorde-se que ela se pretendeu concretizar enquanto “obra definitiva de filosofia em que [ele, Marinho] resolvesse todos os problemas”. Ainda que o tenha procurado fazer – através da inacabada obra *Assumpção do Nada*² –, um bloqueio insuperável permanecia, bloqueio esse que só um “pensar situado”, um “pensar da terra”, poderia superar.

¹ Ela emergiu, pelo menos, já na década de quarenta, no rescaldo da publicação da obra *O Problema da Filosofia Portuguesa* de Álvaro Ribeiro, datada de 1943 – altura em que Marinho redigiu uma série de textos coligidos sob o título geral de “Filosofia e Filosofia em Portugal” –, e estendeu-se por toda a década seguinte, da qual datam, aliás, as primeiras versões da *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, expressão máxima desse “pensar situado”. Ainda assim, podemos falar de uma “viragem” dado que, como escreveu Jorge Rivera, “só após a *Teoria* o pensamento de Marinho parece deter-se no que em outros filósofos é considerado como adquirido ou imediato: a dimensão humana, a circunstancialidade situada de toda a filosofia” [cf. *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho* (TD), Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998, p. 14].

² A qual, na tese de Jorge Rivera, “extrema ainda o que na *Teoria* somente na cisão extrema se vislumbra: o trânsito e o recurso do instantâneo ao genésico que conduz para além do ser, a uma excedência do horizonte ontológico” [cf. *ibid.*, p. 541].

Com efeito, tal como o humano é sempre ele e a sua “circunstância” – e por isso toda a antropologia terá que ser sempre, em última instância, uma antropologia situada –, assim também o “espírito” é sempre ele e a forma como efectivamente se realiza, de forma diversa, no espaço e no tempo. Defender que a história do ser é a história da realização do “espírito”, é pois, ainda e sempre, uma mera propedêutica ao pensar que mais importa: não ainda aquele que apreende a história do ser como história da realização do “espírito”, mas sim já aquele que apreende a forma como o “espírito” efectivamente se realiza, de forma diversa, em cada universo espaço-temporal. Daí, aliás, a importância da cultura: é ela esse universo em que o “espírito” se cumpre.

7 – A Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo enquanto “visão integral”

Foi a *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo* a derradeira obra de Marinho. Publicada já postumamente, um ano após a sua morte, constitui-se ela, na nossa perspectiva, como a expressão maior do seu pensamento. Não porque nela José Marinho tenha, finalmente, conseguido resolver “todos os problemas”. Não o conseguiu nesta obra, tal como não tinha conseguido na *Teoria do Ser e da Verdade*, tal como, atrevemo-nos a dizê-lo, não o conseguiria jamais, por mais obras que viesse ainda a escrever. Por uma simples mas ainda assim suficiente razão: não há “receitas” universais, dado que o “espírito” se realiza de forma irredutivelmente diferente em cada universo espaço-temporal, em cada universo histórico-cultural.

Nessa medida, o que restava a José Marinho pensar era a forma como o “espírito” se tem realizado na cultura portuguesa. Eis, precisamente, o que fez nesta obra, debruçando-se, em particular, sobre o pensamento português contemporâneo. Não vamos aqui reconstituir essa visão marinhiana – fizemo-lo já na nossa Dissertação de Doutoramento, intitulada *Fundamentos e Firmamentos do Pensamento Português Contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho*, aprovada, na Universidade de Lisboa, em 2004³. Gostaríamos apenas, aqui e agora, de ressaltar o seguinte, em jeito

³ Como aí devidamente expusemos, começa José Marinho na *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo* por elencar os autores que considera serem “os mais significativos” – a saber: Amorim Viana, Antero de Quental, Cunha Seixas, Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra. Apesar de afirmar expressamente que “os nossos antepassados desde o século XII não estiveram a dormir em matéria de filosofia”, defende, igualmente de forma expressa, que “é Amorim Viana o pensador que procura pela primeira vez garantir a autonomia do pensamento filosófico em Portugal” (Marinho, 1976, p. 5).

de conclusão deste nosso périplo: porque o “saber do espírito” é, em última instância, o saber como o “espírito” efectivamente se realiza, de forma diversa, em cada cultura, em cada comunidade, em cada um de nós, o “saber do espírito” é, ainda e sempre, um saber infundável, um saber sem “cúpula”.

Foi, de resto, também por saber isso que José Marinho foi um filósofo “integral” mas não “integralista”. Foi um “filósofo integral” porque a sua visão da nossa cultura é tanto do “espírito” quanto da “terra”. Não foi, contudo, um filósofo “integralista”, porque, ao contrário de outros, nunca considerou a nossa cultura superior a qualquer outra. Para Marinho, tal como não há filosofias superiores, também não há culturas superiores. O que há são diferentes tradições culturais e filosóficas, que importa, tão-só, valorizar nas suas irredutíveis diferenças. Por isso, por valorizar a diferença, nunca Marinho procurou refutar qualquer tradição filosófica – “as filosofias não se refutam, compreendem-se” –, por isso, por valorizar a diferença, procurou Marinho realçar, tão-só, o mais profundo sentido da nossa cultura.

8 - Conclusão

Do exposto, conclui-se, pois, que o percurso filosófico de José Marinho teve como marcos fundamentais três obras: *Significado e Valor da Metafísica*, *Teoria do Ser e da Verdade* e *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*. Na primeira, *Significado e Valor da Metafísica*, prefigurou, Marinho, aquela que é, a seu ver, a via da filosofia: passar do sentido do Drama da Existência para o sentido do Enigma do Ser. Na segunda, *Teoria do Ser e da Verdade*, por sua vez, expôs, Marinho, a sua Gnose, a sua revelação do Enigma, à luz de uma “ontologia do Espírito”, minuciosamente desenvolvida.

A nosso ver, o percurso filosófico marinhiano conclui-se, contudo, com a obra *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, publicada já postumamente, um ano após a sua morte. E isto porque, como aqui defendemos, o “saber do espírito” é, em última instância, o saber como o “espírito” efectivamente se realiza, de forma diversa, em cada “situação”. Daí o seu conceito de “filosofia situada”, “situadamente portuguesa”, à luz do qual se debruçou José Marinho sobre a expressão filosófica na nossa cultura. Não, de todo, para afirmar qualquer espécie de “superioridade” – propósito por si só absurdo, dado que todas as culturas, sem excepção, são sempre já expressão do “espírito” –, mas, tão-só, para afirmar a sua diferença, a sua irredutível diferença.

Concluindo-se o percurso filosófico marinhiano com a obra *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, não corresponde esta, contudo, à terceira etapa desse percurso, desde logo porque as primeiras versões da mesma são anteriores à data de publicação da *Teoria do Ser e da Verdade*. A nossa visão sobre a obra de José Marinho é análoga à “visão do espírito” marinhiana: “Não há primeiro Deus, depois o Universo, depois outra vez Deus.” (Marinho, 2001, p. 587). Numa mais aguda perspectiva hermenêutica, devemos antes encarar essas três etapas enquanto expressões complementares de uma mesma e única visão. Visão integral, como dissemos, porque, simultaneamente, visão do Drama da Existência e do Enigma do Ser. Visão integral, como dissemos, porque, simultaneamente, visão do Espírito e da Terra.

Obras de José Marinho referidas

O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.

Teoria do Ser e da Verdade, Lisboa, Guimarães Editores, 1961.

Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo, Porto, Lello & Irmão Editores, 1976.

Estudos sobre o pensamento português contemporâneo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.

Correspondência, vol. do apêndice documental de *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho*, Dissertação de Mestrado em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1989.

Aforismos sobre o que mais importa, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

Significado e Valor da Metafísica e outros textos, “Obras de José Marinho”, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

Apêndice documental (3 vols.) de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998.

O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos, “Obras de José Marinho”, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.